

O Outro Gume da Faca

O outro gume da faca

Copyright © 1995, by Fernando Sabino

Rua Canning, 22, ap. 703 – Ipanema – 22081-040

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora assistente	Carmen Lucia Campos
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Cátia de Almeida

ARTE

Editor	Marcello Araujo
Diagramadora	Thatiana Kalas
Editoração eletrônica	Zin Pan Editoração Eletrônica & Designers LTDA.
Ilustração de capa	Victor Burton

O texto “O outro gume da faca” pertence à obra *A faca de dois gumes*, trilogia de novelas de Fernando Sabino, publicada pela Ed. Record.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S121o
6.ed.

Sabino, Fernando, 1923-2004

O outro gume da faca / Fernando Sabino. – 6.ed. –
São Paulo: Ática, 2008
88 p. : - (Fernando Sabino)

Apêndices
Inclui bibliografia
Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-10708-7

1. Sabino, Fernando. I. Título. II. Série.

06-630 CDD 028
CDU087.5

ISBN 978 85 08 10708-7 (aluno)

CL: 735793

CAE: 241775

2018

6ª edição

9ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br – www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



O Outro Gume
da Faca

Fernando
Sabino



editora ática



PARA ALÉM DO CRIME

FERNANDO SABINO *Entrevista*

— Que vem a ser este seu livro *O outro gume da faca*?

— É uma novela — muito embora hoje em dia a designação nem sempre se refere a um gênero literário entre o conto e o romance, confundida pelo grande público com novelas de televisão. Junto com *O bom ladrão* e *Martini seco*, já lançadas pela Editora Ática, compõe uma trilogia do amor, intriga e mistério sob o título *A faca de dois gumes*.

— E qual é a faca de dois gumes?

— É o motivo de um conflito conjugal que redundava em crime.

— Esta novela, como as outras duas, poderia ser classificada no gênero policial?

— Não creio, embora sob o elemento psicológico que lhe dá dimensão literária os componentes do gênero policial aí estão: crime, investigação, mistério, suspense, assassinato, suicídio. Só que nas histórias policiais em geral já se sabe qual é o crime e procura-se descobrir o criminoso. No caso desta novela e das outras duas pode-se dizer que se passa o contrário: o criminoso é conhecido, o que se procura descobrir é que espécie de crime cometeu — se é que cometeu.

Entrevista

— No decorrer da história, todavia, fica claro ter havido um crime: a dúvida quanto à culpa desse crime exclui a existência de um culpado?

— Esta dúvida é que faz com que a novela transcenda os limites do gênero policial, como acontece com outras obras literárias cuja trama se desenvolve em torno de crimes. Haja vista *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós, por exemplo, ou *Crime e castigo* e outros romances de Dostoiévski, para ficar apenas nesses dois mestres da literatura, sem nenhum termo de comparação, é claro. De quem é a culpa? Do criminoso ou da sociedade que o induziu ao crime?

— Qual é o sentido mais profundo desta sua obra?

— O sentido mais profundo — o outro gume da faca — é o da culpa, a partir da frase atribuída a um dos personagens: não adianta saber de quem é a culpa, se você não souber que ela é sua.

— Não soa muito ambíguo? Explique isso melhor.

— A novela lida justamente com a ambiguidade no comportamento da natureza humana: do homem, da mulher e da relação de um com o outro. Nada mais ambíguo que a consciência de nossa culpa, como condição preliminar para a descoberta da culpa alheia. Às vezes é preferível não saber, pois quem sabe há de pagar pelo crime de ter sabido pouco. O melhor seria aceitar o conceito do verso de T. S. Eliot, também citado numa das novelas: “Aquilo que não sabes é tudo que sabes”. Ou o verso de Mário de Andrade: “Eu sei que tu sabes o que eu nem sei se tu sabes...”.

— A trama de *O outro gume da faca* apresenta situações paradoxais: o filho que assume a culpa do pai, por exemplo. Ou o marido que, para surpreender a mulher com o amante, elabora um alibi tão perfeito que dele não consegue mais escapar.

Entrevista

— Esta é, aliás, uma ideia que tomei emprestado a Simenon, a quem presto homenagem num acróstico ao fim de um dos capítulos — o leitor que trate de descobrir mais este pequeno mistério. As situações parecem paradoxais, absurdas, contrárias ao bom-senso, e no entanto são no fundo perfeitamente normais, inseridas no inconsciente de cada um. Poderiam se dar com qualquer de nós.

— E onde fica a verdade, afinal?

— Para mim, fica além dos limites da realidade, lá onde só a imaginação alcança. Como o tabuleiro de damas, que não é preto com quadrados brancos nem branco com quadrados pretos, mas de outra cor com quadrados pretos e brancos: sob a aparência que se oferece aos nossos olhos, oculta-se outra cor: a da ambiguidade, da ambivalência, da dubiedade, no comportamento da contraditória natureza humana. Principalmente nas relações conjugais.

— Como os seus demais livros, *O outro gume da faca* é também inspirado numa experiência pessoal?

— Tudo que se escreve, pelo menos no meu caso, decorre de uma experiência pessoal. Não matei ninguém nem me suicidei — pelo menos até prova em contrário. Mas haver recriado essa experiência na imaginação pode significar a purgação de minha culpa, sendo eu, como todo mundo, inconscientemente, um criminoso em potencial.

— Como todo mundo?

— Como todo mundo, em todos os tempos. Com uma única exceção, aliás enfatizada no meu livro *Com a graça de Deus*: Jesus Cristo. E esse, por causa disso, olha só o que fizeram com ele...

Ai daquele que sabe: há de pagar
pela culpa de ter sabido pouco.

Soren Kierkegaard

1

Alegando que, na sua ausência, as crianças entravam à vontade no escritório e mexiam em tudo, Aldo Tolentino ultimamente dera para trancar a porta à chave ao sair para o trabalho.

Naquela manhã, todavia, teve antes o cuidado de soltar o trinco da janela que dava para a varanda, deixando-a apenas encostada. Depois voltou ao quarto, despediu-se de Maria Lúcia, ainda na cama, e foi para a cidade.

— Dr. Marco Túlio pediu que o senhor falasse com ele assim que chegasse — preveniu Dona Mirtes, tão logo ele entrou.

Passou à sala do colega de escritório, bem mais ampla e confortável que a sua. Mas não tinha de que se queixar — era o outro quem mandava e fizera muito em acolhê-lo ali. Para um homem de sua idade, a ad-

vocacia forense ia se tornando atividade cansativa e nem sempre compensadora. Aldo se dava por feliz: sem aquela oportunidade, teria de contar mesmo era com os inventários cada vez menos rendosos. Marco Túlio tivera mais sorte, conquistando bons constituintes fixos, cujas causas às vezes partilhava com ele.

— Boas notícias, meu velho: a Financeira de São Paulo vai mesmo fechar conosco. Pediram que eu desse um pulo lá, mas estou pensando em mandar você no meu lugar.

Surpreendido, Aldo não pôde deixar de sorrir:

— Não acha meio arriscado?

— Não acho não. Você está tão a par do assunto quanto eu. Tem experiência, isto impõe respeito — e o outro também sorriu, jovial: — Pelo menos tem ar mais respeitável do que eu.

De fato, parecia haver mais de dez anos de diferença entre os dois. Aldo, cabelos grisalhos, alto e meio curvado, ar grave e gesto contido; Marco Túlio um pouco mais baixo, mas desenvolto, bem-vestido, queimado de sol, aparência esportiva:

— Podíamos ir os dois, mas não convém dar a impressão de que estamos tão interessados assim. O que você deve fazer é ouvir calado o que eles têm a propor. Mostre-se interessado, mas não além da conta. Tome nota de tudo e diga que precisa primeiro trocar ideias comigo. Você volta e eu entro na jogada.